

EDUCAÇÃO EM MUSEUS: UM MOSAICO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA EM 1958

Ana Carolina Gelmini de Faria¹

Resumo: A investigação centra-se na análise do carácter educativo dos museus. O recorte proposto é 1958, ano em que ocorreu o Seminário Regional da UNESCO intitulado a *Função Educativa dos Museus*. Uma produção intensa sobre educação em museus foi publicada e a investigação das obras de brasileiros diplomados pelo Curso de Museus torna-se fundamental para estabelecer um panorama das propostas e perspectivas sobre o tema em meados do século XX, muitas delas presentes nos debates contemporâneos do campo.

Palavras-chave: história dos museus; educação em museus; Seminário Regional da UNESCO de 1958.

EDUCATION IN MUSEUMS: A MOSAIC OF THE BRAZILIAN PRODUCTION IN 1958.

Abstract: This article is focused on the educational nature of museums, especially regarding the year 1958, in which the UNESCO Regional Seminar on the Educational Function of Museums took place. Since then, a great number of publications regarding museum education has emerged, and an investigation of the written works published by Brazilian graduates at the Museum Course, becomes essential to establish an overview of the proposals and views regarding this subject in the mid-twentieth century, many of them still present in contemporary debates and discussions in the matter.

Keywords: history museums; education in museums; UNESCO Regional Seminar 1958.

Apresentando o cenário, as indagações e o itinerário: a educação em museus em pauta

Um campo provocado a reflexões e novas práticas. Eventos internacionais sucessivos sobre um tema central. Um seminário no Brasil que mobilizou profissionais a produzirem dados, balanços e projeções. Os vestígios encontrados e as articulações tecidas constroem um cenário singular: a década de 1950 foi significativa para os debates e posicionamentos no campo dos museus sobre o que se entendia e desejava da Educação em museus - sobretudo o primeiro Seminário Regional da UNESCO, intitulado a *Função Educativa dos Museus*, realizado no País em 1958, enfoque desta investigação.

O Seminário Regional da UNESCO tinha por proposta debater a função que esses ambientes deveriam cumprir como meio educativo para a população, com ênfase nos serviços para a educação escolar.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/ UFRGS), na linha de pesquisa História, Memória e Educação. Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação/ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/ Fabico/ UFRGS).

Uma profusão de indagações surge quando é realizado um exercício de análise da dimensão e desdobramentos do evento: Qual a motivação do Seminário? Quais eram as aproximações e proposições para a relação entre Educação e museus? Como se deu a participação e a contribuição de membros brasileiros – muitos deles alunos formados pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional - na realização do evento?

Nesse sentido, o presente trabalho visa a atender algumas das questões construídas e tem como alicerce a articulação entre História da Educação e História Cultural, acreditando que o acolhimento de novos objetos de estudo, como a história dos museus, permite potencializar a percepção dos processos educativos na sociedade brasileira. Nessa direção, Possamai (2012, p. 117) analisa:

Pensar que a história da educação tem uma interface com a história implica pensar que o patrimônio da história da educação é uma construção histórica e social e não um conjunto determinado de bens culturais naturalizados como patrimônio de uma coletividade. Nesse sentido, à história da educação caberia propor problemáticas a esses bens culturais na perspectiva do conhecimento histórico.

Para investigar o recorte proposto - os debates e as produções acerca da temática educação em museus no ano de 1958 - documentos relacionados ao Seminário Regional da UNESCO foram analisados: relatório com a idealização do evento, programação, documentos finais produzidos, bem como os livros de conservadores de museus brasileiros - com o enfoque no caráter educativo dos museus - que foram publicados na ocasião. Tais vestígios formam um mosaico da avaliação e da defesa dos museus como ,espaço de saber e de aprendizagem.

Assim, o trabalho será dividido em dois momentos: a realização do Seminário Regional da UNESCO intitulado a *Função Educativa dos Museus*, resultado de uma iniciativa de descentralização dos debates promovidos no campo, visando à oportunidade de compartilhar ideias e experiências entre profissionais que atuavam nos museus e pedagogos de diferentes localidades do mundo; e a apresentação de três publicações brasileiras do ano de 1958: os livros *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*, de Guy José Paulo de Hollanda; *Museu e Educação*, de Florisvaldo dos Santos Trigueiros; e *Museu Ideal*, de Regina Monteiro Real, materiais que demonstram uma sintonia dos profissionais do País com os debates internacionais da área.

As investigações no campo dos museus têm muito a contribuir na reflexão sobre as práticas educativas promovidas no Brasil, explorando os múltiplos usos desses espaços sob o viés do caráter educativo almejado e posto em exercício pelas instituições museais.

Seminário Regional da Unesco: a função educativa dos museus

Em meados do século XX, o campo dos museus retomava suas forças internacionalmente. Após a Primeira Guerra Mundial, foi criada uma organização com o propósito de congregar museus e seus profissionais de todos os países, o Escritório Internacional de Museus, vinculado ao Instituto Internacional de Cooperação e, sucessivamente, à Sociedade das Nações (CRUZ, 2008).

Com a Segunda Guerra Mundial, a Sociedade das Nações, bem como as repartições vinculadas a ela,

interromperam suas atividades. Porém, no fim da guerra, mais precisamente no mês de outubro de 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU) e, em novembro, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Essa é uma trajetória importante para compreender a vinculação estabelecida ao Conselho Internacional de Museus (ICOM) na condição de organização não-governamental que mantém relações formais com a UNESCO, instituído em agosto de 1946 (CRUZ, 2008).

O ICOM tem por objetivo efetivar uma cooperação internacional entre os museus. Desde então são promovidas reuniões, conferências, convênios, bem como o estímulo à criação de comitês internacionais vinculados, a exemplo do Comitê de Educação e Ação Cultural (CECA). Na década de 1950, um dos temas fortemente debatido no âmbito do ICOM foi a relação entre museu e Educação, a exemplo da segunda conferência bienal do Conselho.

Acreditando que uma das grandes contribuições para os museus seria o incentivo ao desenvolvimento de programas educativos capazes de aproximar o público das coleções, a UNESCO organizou, também na década de 1950, eventos temáticos. Em 1952, museu e Educação passou a ser o eixo central do Seminário Internacional da UNESCO, intitulado *Sobre o papel dos museus na Educação*, realizado em Nova York, EUA. Contendo 39 técnicos, entre educadores e profissionais de museus, representando 25 países (TRIGUEIROS, 1958), neste evento foi afirmada a melhoria dos métodos de ensino a partir da integração do trabalho educativo dos museus com os programas dos institutos de educação, defendendo-se que o uso e as práticas dos museus fossem abordados no magistério (KNAUSS, 2011).

No segundo Seminário Internacional da UNESCO, realizado em 1954 em Atenas, Grécia, e composto de 32 delegações, o tema central se manteve sob o mesmo título, com intenção de reforçar a aproximação entre museus e Educação (TRIGUEIROS, 1958). Quatro anos depois, aprofundando os debates realizados, ocorreu o primeiro Seminário Regional da UNESCO intitulado *A Função Educativa dos Museus*, tendo como cidade sede o Rio de Janeiro, Brasil, e presidente do evento Georges Henri Rivière, no momento diretor do ICOM.

O Seminário Regional da UNESCO, ocorrido no período de 07 a 30 de Setembro de 1958, com sede no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, teve por proposta debater a função que esses ambientes deveriam cumprir como meio educativo para a população, com ênfase nos serviços para a educação escolar. Nessa perspectiva, a intenção era promover relatos, conferências, mesas-redondas, visitas técnicas sobre recursos didáticos e técnicos dos museus (TORAL, 1995).

A proposta do evento era dar continuidade à dinâmica realizada nos seminários anteriores, tendo por maior característica o recorte espacial: o envolvimento era para ser definitivamente regional, tendo uma atenção especial à América Latina. Assim, especialistas em museus e em Educação dos respectivos países representantes foram convidados a compartilhar conhecimentos e experiências, bem como o espanhol passou a ser uma das línguas de comunicação (RIVIÈRE, 1958).

Cabe salientar que o tema do evento não era uma novidade no Brasil, ao contrário, evidências demonstram que os sujeitos envolvidos no campo dos museus estavam em sintonia com os debates internacionais. Os principais debates voltavam-se para a aproximação dos museus com o público, em especial o escolar, promovendo, conseqüentemente, o estímulo à intensificação de pesquisas para a difusão cultural. Uma matéria publicada no ano de 1956, no Jornal do Comércio, com o título “Desenvolvimento dos Mu-

seus no Brasil”, reforça que os museus brasileiros trabalham na missão de ser uma educação continuada:

- 1º) Sejam os museus considerados a instituição do século, cabendo-lhes a tarefa da **renovação permanente da cultura e da continuação da educação popular**;
- 2º) Desenvolvam-se, nos museus, os **setores de pesquisa e difusão cultural**, com os desdobramentos de laboratórios, cursos, publicações, biblioteca, filmoteca e outros elementos de cultura e expansão de conhecimentos;
- 3º) Atribuem os Poderes Públicos a museus oficiais e particulares verbas e subvenções, capazes de imprimir-lhes a todos impulso decisivo;
- 4º) Seja fixada, dentro da **percentagem constitucional atribuída às despesas de “educação e cultura”** a cota destinada ao desenvolvimento dos Museus;
- 5º) Instalem-se, ao lado dos museus originários, os museus didáticos, constituídos apenas de reproduções e miniaturas, com **acentuada função didática sobre o povo**;
- 6º) **Multipliquem-se os museus escolares**, sobretudo como formadores do hábito de associar o uso dos museus aos estudos comuns. (DESENVOLVIMENTO, 1956: [snt]). Grifo meu.

O evento foi constituído por dirigentes da UNESCO, dirigentes do Brasil - sede do evento, representantes dos países da América (dois por país; o Brasil teve a ampliação dos representantes, tendo em conta que alguns países não os enviaram, chegando a quatro membros) e observadores brasileiros. É interessante observar que profissionais que publicaram livros sobre Educação e museus estavam em posições estratégicas no evento, a exemplo da conservadora de museus Regina Monteiro Leal, no Comitê Organizador Brasileiro, e do conservador de museus Guy de Hollanda, credenciado membro representante do Brasil (RIVIÈRE, 1958).

O Seminário Regional da UNESCO teve uma extensa programação: jornadas com debates sobre diversas categorias de museus; mesas-redondas com debates temáticos; sessões de trabalho; visitas técnicas em museus e excursões - de 20 a 22 de Setembro oferecida pelo Museu de Arte de São Paulo e de 26 a 28 de Setembro pela Comissão Nacional do Brasil ao Estado de Minas Gerais. Todos os participantes receberam, no início do evento, diferentes publicações sobre o tema central.

O documento final produzido neste Seminário definiu algumas características da educação em museus e apontou necessidades para sua execução. Segundo o registro do encontro, o museu é um espaço em benefício da Educação, pois seu principal veículo de comunicação, as exposições, tem por si só valor didático, tendo como desafio propor ao invés de impor (RIVIÈRE, 1958).

Ao longo do documento, percebe-se a ênfase em se intensificar o vínculo entre museu e o público escolar e jovem - sendo um dos enfoques a articulação com as escolas -valorizando uma relação harmoniosa que usufruísse dos diferentes recursos que os museus podem oferecer, sejam exposições, visitas guiadas, conferências, cursos, atividades externas, clube de amigos. No documento final do evento, há considerações específicas para museus escolares e pedagógicos (RIVIÈRE, 1958).

A participação brasileira na produção de publicações sobre o tema educação em museus

A participação dos profissionais brasileiros foi de suma importância para a realização do evento,

pois os museus cariocas seriam cenários para debates e trocas de experiências. Segundo Knauss (2011), a preparação e a realização do Seminário Regional da UNESCO foram acompanhadas pelo jornal Correio da Manhã, cuja proprietária era grande motivadora do evento, por ser esta também diretora executiva do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em matérias do ano de 1957, é possível observar algumas das atribuições esperadas pelas equipes dos museus brasileiros:

A contribuição técnica brasileira, no seu aspecto educativo, deverá compreender, fundamentalmente:

- a) um levantamento sistemático das coleções dos museus brasileiros, públicos e particulares, com o registro dos dados históricos, pessoal técnico e administrativo, pesquisas, catálogos e publicações, etc.
- b) um estudo do funcionamento dos serviços educativos dos museus, regime de visitas (livres ou programadas), utilização pela comunidade, etc.
- c) uma análise dos meios atuais de divulgação de que se beneficiam os museus (catálogos, folhetos, reproduções fotográficas, diafilmes e dispositivos, filmes, rádio, televisão, etc.).
- d) sugestões, baseadas no levantamento a que se referem as letras a, b e c, para a melhor organização e apresentação das coleções dos museus para fins educativos. (MAURÍCIO, 1957: s/ pág.)

A organização do Seminário Regional da UNESCO reforçou a necessidade da aproximação entre museus e Educação. Sua realização impulsionou uma produção intensa sobre educação em museus no referido ano. A escrita dos profissionais brasileiros sobre educação em museus é de suma relevância para os estudos sobre História de Educação no campo dos museus, pois evidenciam dois movimentos: 1) o exercício de diplomados do Curso de Museus que, a partir do aprendizado de sua formação, estavam construindo novos caminhos reflexivos e práticos sobre o campo dos museus; 2) a apropriação dos principais debates internacionais sobre o tema. Entre as publicações, destacam-se os livros: *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*, de Guy José Paulo de Hollanda; *Museu e Educação*, de Florisvaldo dos Santos Trigueiros; e *Museu Ideal*, de Regina Monteiro Real. As publicações revelam diferentes intenções e necessidades do campo.

Figura 1
Livros sobre educação em museus publicados em 1958



Fonte: Da autora, 2014.

Dos três autores, Guy de Hollanda era o diplomado mais antigo. Matriculou-se no Curso de Museu em 1932, na primeira turma aberta, e formou-se no ano seguinte. No mesmo período, fez o Curso de Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional, concluído em 1934. O intelectual teve diversos trabalhos na carreira docente, tendo atuado no Colégio Pedro II de 1932 a 1936, na Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula em 1940-41, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 1958 e 1968, por exemplo. Em 1935, foi nomeado por concurso amanuense da Biblioteca Nacional. Foi pesquisador técnico do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (SÁ; SIQUEIRA, 2007).

No prefácio de sua obra, Guy de Hollanda esclarece tanto a finalidade como a concepção do livro *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*: a UNESCO solicitou, de antemão, um repertório dos museus nacionais, de acordo com modelo enviado pela entidade internacional, para auxiliar a realização do Seminário Regional. Assim, a Organização Nacional do Conselho Internacional de Museus (ONICOM), bem como o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), apoiaram a realização da obra e, sendo o intelectual integrante da primeira e pesquisador do segundo, foi designado para tal trabalho (HOLLANDA, 1958).

O título do livro sugere uma abordagem reflexiva sobre o caráter educativo dos museus, mas a obra não foi direcionada para tal análise. Ao contrário, como Knauss (2011, p.589) sugere, “o livro se define assim mais como um material de divulgação e apoio de referência dirigido a professores e escolas”. A preocupação do trabalho realizado foi de compilar, em um único documento, um retrato do perfil das instituições museológicas brasileiras, sendo um exercício pioneiro no País.

O questionário enviado aos museus possuía onze campos, que buscavam contemplar informações sobre a história da instituição e de seu funcionamento. A escassez de tempo para a compilação dos dados é observada em alguns museus que foram contabilizados na obra, mas seus campos não foram preenchidos provavelmente por o autor não ter recebido o retorno do questionário das instituições. O próprio autor evidencia que a falta de tempo seria sanada em edições futuras.

Os museus foram organizados na obra pelos Estados Federativos. Somando 142 (cento e quarenta e duas) instituições, as mais diversas informações sobre os recursos educativos disponibilizados pelos museus foram evidenciadas, desde visitas guiadas, acompanhadas de sessão de cinema, a agendamentos limitados por escassez de profissionais especializados. Na ausência de conservadores de museus, muitas visitas guiadas eram realizadas por diretores. Entre os materiais disponibilizados ao público, estavam os catálogos de exposições e os guias de visitante. A seguir, a tabela 1 apresenta, como exemplo, os campos relacionados diretamente à educação em museus de instituições de diferentes Estados das regiões do Brasil:

Quadro1

Campos relacionados à temática educação em museus do livro
Recursos Educativos dos Museus Brasileiros de Guy de Hollanda (1958)

Nome do Museu	Visitação	Algumas publicações	Visitas guiadas	Conferências/Cursos	Nº de visitantes
CEARÁ					
JUAZEIRO DO NORTE					
Museu Cívico-Religioso Padre Cícero	Diariamente, 8h-11h; 14h-17h	Álbum ilustrado	Frequentes, em forma de catequese instrutiva, pelo Diretor ou encarregados, para as escolas locais e dos povoados vizinhos.		Média 60.000 (1955-57), quase todos durante meses de romaria (set.- fev.)
DISTRITO FEDERAL					
RIO DE JANEIRO					
Museu Histórico Nacional	3ª-6ª, domingo e feriados, 12h-17h; Sab, 14h-17h.	Catálogo descritivo e comentado da exp. do MHN 1940 (esgotado), Guia do Visitante 1955 (esgotado), nova edição 1957 - distribuição, gratuita. Anais (esgotado)	Em virtude de ser reduzido o quadro de servidores técnicos e não possuir pessoal especializado para visitas guiadas, as visitas às salas do Museu são só guiadas em casos especiais, de preferência quando se trata de visitas de colegiais.	Curso de Museus (1932)	Média anual de 35.000 (1955-57)
MATO GROSSO					
CAMPO GRANDE					
Museu Regional Dom Bosco	Diariamente, 8h-11h e 14h-17h	Projetada a edição de Álbum e Anuário	Todas as visitas são guiadas por um membro da diretoria ou funcionário competente.	Casos particulares ditam-se conferências, sempre com projeções luminosas, de diapositivos coloridos ou filmes, editados pelo Museu.	

PARÁ					
BELÉM					
Museu Pa-raense Emilio Goeldi	Dias úteis, 8h-11h e 13h-17h; Sab, 8h-11h; Dom, 8h-12h e 14h30min-17h	Diversos, álbuns, boletins. Encontra-se em preparo guia ilustrado do Museu	Esporadicamente, sendo realizadas por ocasião de visitas de caravanas, congressistas, etc. As exposições são organizadas com esclarecimentos suficientes para orientar o público e o guia em organização terá por finalidade sugerir roteiro de visita com esclarecimentos detalhados.		Média anual de 206.000 (1955-1957)
RIO GRANDE DO SUL					
PORTO ALEGRE					
Museu Júlio de Castilhos	3ª e 5ª, 14h-17h; Sab., 9h-11h, Para colégios, a combinar, em qualquer dia dentro do horário das 13-17h	Revista do Museu Júlio de Castilhos (esgotado), catálogos	Ocasionalmente		Média anual de 20.000 (1955-57)

Fonte: Dados de pesquisa, elaborados a partir da adaptação livro *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros* (HOLLANDA, 1958).

Outro importante texto publicado é o livro *Museu e Educação*, a edição revisada e estendida da obra do mesmo autor, Florisvaldo dos Santos Trigueiros, intitulada *Museus - sua importância na educação do povo*, publicada em 1956.

Florisvaldo dos Santos Trigueiros matriculou-se no Curso de Museus em 1949, como bolsista, pelo Estado da Bahia. Desde 1942, era funcionário público do Banco do Brasil e quando se formou, em 1951, esse novo ofício foi determinante para a sua trajetória profissional. Trigueiros especializou-se em processamento técnico de museus e acervos numismáticos, tornando-se uma referência no Brasil ao organizar e implementar instituições como o Museu do Banco do Brasil (1954-55), o Museu da Caixa de Amortização (1960), o Museu de Valores do Banco Central (1974-75), entre inúmeros projetos e exposições de curta duração. Sempre esteve presente nos debates da área museológica no País e no exterior, tendo sido o representante do Museu do Banco do Brasil no Seminário Regional Latino-Americano da UNESCO, em 1958 (SÁ; SIQUEIRA, 2007).

Ao contrário do livro de Guy de Holanda, que produz um material técnico ao se propor a traçar um

panorama do contexto dos museus brasileiros em relação a seus serviços educativos, Trigueiros desenvolve uma escrita analítico-reflexiva, ao apresentar as tendências sobre a relação do público com os museus e as demandas educativas para esse diálogo. Nessa perspectiva, o autor não hesita em definir o público potencial do livro nas linhas destinadas à dedicatória, indo para além dos profissionais do campo dos museus: “Aos professores e aos alunos das escolas Normais e Faculdades de Filosofia, aos quais está entregue a responsabilidade da formação e orientação atual e futura de grande parte da juventude brasileira” (TRIGUEIROS, 1958, p. 07).

Ao evidenciar reuniões organizadas pela UNESCO, a fim de potencializar uma política educacional nos museus, e exemplos estrangeiros de instituições museológicas e escolas que impulsionavam o aproveitamento didático dos museus, as palavras do autor revelam o objetivo do livro: “mostrar a importância que os museus adquiriram na última década, decorrente de total modificação na sua maneira de ser, passando a influir no processo educativo e a exercer papel na vida da comunidade” (TRIGUEIROS, 1958, p. 15).

Partindo do pressuposto de que “é o museu complemento da escola, [...] o museu é escola viva, exercendo papel preponderante na educação do povo” (TRIGUEIROS, 1958: 61), o autor aborda o desafio de as instituições se relacionarem com a diversidade de público. O autor parte do princípio de que a relação entre museu e público deve ser dinâmica, expondo como propostas de ação publicidade por meio de cartazes, folhetos de propaganda do museu e sua programação, realização de conferências e cursos, sessões de cinema, curtas palestras nas salas de exposição, montagem de exposições temporárias, reuniões com outros museus e visitação em horários alternativos (TRIGUEIROS, 1958).

Após realizar uma apresentação da trajetória dos museus brasileiros, Trigueiros dedica os últimos capítulos a temas debatidos na década de 1950. Um dos capítulos, intitulado *Museu Escolar*, destina-se a evidenciar a potencialidade desses espaços no ambiente estudantil. O autor aponta a necessidade de mais atenção para o tema, tanto por parte de educadores como de legisladores, para que os museus possam contribuir de forma significativa na aprendizagem escolar através dos elementos visuais: “por melhor que seja a explicação dada pelo professor, [...] nada facilita tanto a sua compreensão como a circunstância de vermos alguma coisa ligada ao que nos foi dito” (TRIGUEIROS, 1958, p. 113).

Buscando esclarecer possíveis dúvidas conceituais, o autor apresenta a distinção de duas expressões: museu pedagógico e museu escolar. O museu pedagógico tem como público alvo os professores, e as coleções são compostas por materiais que representam o cotidiano escolar e a evolução dos métodos de ensino. Espaços auxiliares, como bibliotecas e arquivos especializados, são de vital importância. O autor lamenta a não existência de um museu desse perfil em vigência no Brasil.

Com outro perfil, o museu escolar tem como público alvo as crianças e o enfoque do acervo voltado para a assistência nas disciplinas cursadas, possibilitando aos professores outras abordagens de ensino. O autor ressalta, ainda, algumas características que singularizam esse tipo de museu: não é destinado à visitação pública; o manuseio do objeto deve ser estimulado - mesmo provocando sua destruição; a própria comunidade escolar é incentivada a doar acervos, sendo selecionados os de contribuição pedagógica. O espaço destinado ao museu deve ser harmonioso, com vitrines e painéis correspondentes à altura dos estudantes, valorização dos objetos, etiquetas escritas com clareza, utilização de plantas para alegrar o ambiente (tornando-se ao mesmo tempo objeto de estudo) e recursos audiovisuais. De acordo com o autor, “o tempo de museu-bazar já passou” (TRIGUEIROS, 1958, p. 116), devendo o museu estimular as questões:

Como? Onde? Por quê?

Arquivos para guardar os trabalhos realizados pelos alunos contribuem para os professores avaliarem experiências bem sucedidas e necessidades de ajustes. Trigueiros também evidencia que os museus escolares necessitam explorar os recursos locais e as características da região, contribuindo para a valorização do ambiente em que vivem, dispersando, por exemplo, a atração pelas grandes cidades. O intelectual encerra sua análise com a afirmação (1958, p. 118):

Podemos concluir que o museu só estará realizando funções quando estiver sendo o núcleo do interesse escolar, podendo constituir-se dos vários elementos esparsos nas salas especiais. Pelas suas atividades irá estimular o espírito de organização, o zelo e a ordem nos trabalhos de execução e de investigação, o hábito de colaboração, revelando às crianças as noções de iniciativa, disciplina e cooperação.

No capítulo seguinte, o autor aprofunda as possíveis relações entre museus e grupos sociais distantes das cidades. Intitulado *Museu e as Pequenas Comunidades*, o autor parte do princípio de que os recursos educativos dos museus contribuem para o *progresso cultural* dessas comunidades, trazendo como exemplo, especialmente para locais que teriam dificuldades em fundar um museu, as experiências das *exposições itinerantes*, dos *museus móveis extensíveis* ou *museus-ônibus*.

De acordo com ele, as exposições itinerantes são, naquele momento, um método reconhecido para permitir que grupos e outros povos apreciem acervos e exposições fora dos museus. Ao ressaltar que a única restrição das instituições é quanto à saída de objetos únicos e de valor internacional, menciona exemplos da consolidação dessa prática, citando o primeiro museu a realizar esse serviço, o *Victoria and Albert Museum*, localizado na Inglaterra. Em 1850, esse museu teria emprestado obras à *Central School Design* e as apresentado em diversas escolas no período de dois anos, experiência que deu tão certo que gerou, nos espaços do museu, um setor específico para empréstimos. Destaca, também, uma exposição do Museu de Belas Artes, que foi exibida nas cidades de Recife e Salvador, em 1950, e uma mostra da Itália que circulou nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo em 1954, com quadros de Caravaggio e outros artistas, ponderando que essas exposições possibilitaram visitas que dificilmente se realizariam em sua totalidade nos museus de origem (TRIGUEIROS, 1958).

O autor apresenta, também, uma experiência que não tinha sido tentada no Brasil, e nem mesmo sugerida: os museus móveis extensíveis. Recurso desenvolvido pelo arquiteto A. Braham Beer, esse museu era a proposta de uma instalação flexível, podendo ser montada e desmontada em qualquer região e quantas vezes fosse necessário. As experiências realizadas, segundo Trigueiros, tinham até auditório, mas eram projetos de alto custo de transporte e mão de obra. Para o País, uma solução de projeto semelhante sugerida foi o museu-ônibus.

No raciocínio de Trigueiros, o museu-ônibus, um recurso educativo posto em prática em diversos países estrangeiros, é um instrumento eficaz no Brasil. Propôs, em seu livro, que houvesse uma cooperação entre museus federais, estaduais e municipais para a montagem de exposições itinerantes e uma parceria entre o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e a Organização Nacional do Conselho Internacional de Museus (ONICOM) para a realização de concurso de especialistas (educadores e museólogos). Esses profissionais conceberiam exposições a partir das reproduções, objetos e fotografias cedidas pelos museus (TRIGUEIROS, 1958).

O museu-ônibus é um transporte especializado para a sua finalidade, prevendo medidas de segurança e de conservação do acervo – como ar condicionado para estabilidade da temperatura. As exposições e visitas deveriam ser planejadas de acordo com o *adiantamento cultural* das cidades frequentadas, devendo contar com propagandas intensas. A necessidade de profissionais da área para a realização deste projeto é de fundamental importância, tendo o autor sugerido até a possibilidade de os museus envolvidos cederem um ou dois conservadores para conceberem as mostras e acompanharem o percurso do museu-ônibus, mantendo-se um rodízio a cada nova partida. Para corroborar a vigência desses recursos educativos, Trigueiros fez uma ressalva:

Já é tempo de cuidarmos das populações rurais, de modo a proporcionar-lhes os recursos de que dispomos para fixá-las à terra, evitando o afluxo para os grandes centros, daqueles que desejam uma vida melhor e mais amplas possibilidades culturais (TRIGUEIROS, 1958, p. 122).

Ao finalizar o livro *Museu Escolar*, o autor dedica um capítulo à apresentação do Conselho Internacional de Museus e sua importância no cenário museológico internacional, culminando no evento que iria ocorrer no mês de setembro daquele ano, bem como realiza o exercício de compilar nome e endereço de museus existentes nos Estados brasileiros, trabalho que o conservador de museus Guy de Hollanda contempla com mais imersão no livro *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*.

Outra intelectual brasileira que contribuiu para os debates sobre educação em museus, no ano de 1958, foi a conservadora de museus Regina Monteiro Real. Na epígrafe do seu livro, intitulado *O Museu Ideal*, a autora não só aproxima o seu discurso com o de Trigueiros - no sentido de se prestar serviços às comunidades - como aponta um caminho que a Museologia iria trilhar nos próximos anos, com o conceito de *museu integral*⁴ da década de 1970: “o museu é um mundo onde as dificuldades para serem resolvidas se transformam em prazer” (REAL, 1958, p. 1).

Regina Real matriculou-se no Curso de Museus em 1936, sendo diplomada no final do ano seguinte. Assim que se formou, foi nomeada interinamente para os cargos de conservadora e secretária do Museu de Belas Artes, tendo, ao longo de sua carreira, montado exposições, ministrado diversos cursos e escrito artigos sobre a relação museu e arte. Atuou ainda, de 1955 até 1969, ano de seu falecimento, no Museu Casa de Rui Barbosa, instituição onde também teve forte atuação (SÁ; SIQUEIRA, 2007).

Para apresentar o que compreendia como museu ideal, Regina Real inicia seu livro com os debates e iniciativas de antes da Segunda Guerra Mundial, indicando que há a compreensão de que amontoados de objetos empilhados não atraem curiosos ou estudiosos. Nessa perspectiva, locais como os Estados Unidos já organizavam museus com finalidades didáticas, repensando seus espaços e técnicas de exposição e, em 1946, com o Conselho Internacional de Museus, previa-se uma cooperação entre os profissionais para o desenvolvimento dos museus em diversas áreas, como a “educação popular e conhecimento mútuo e compreensão entre os povos” (REAL, 1958, p.7).

Partindo da ideia de que as coleções são a razão de ser dos museus, reitera a necessidade de um trabalho técnico especializado para a salvaguarda e apresentação desses acervos, trazendo como argumentação a “educação pelo objeto, ou melhor, a educação visual”, e destacando a importância do bom tratamento com o público:

O visitante, criança, adolescente ou adulto, seja ele um simples apreciador ou profundo

pesquisador, merece carinho especial. A apresentação das peças deve atender e até ir ao encontro dessa solicitação. É uma educação não apenas *ativa*, mas *atrativa* (REAL, 1958, p.13).

Abordando museus mais específicos, a autora inicia uma apresentação que denomina de *sugestões para museus regionais*. Comenta exemplos de museus locais nos Estados Unidos, denominados de museu da cidade, no qual comunidade e escolas colaboram para o seu desenvolvimento. Segundo a autora, “nada mais pedagógico e de perfeita educação cívica que a participação da criança num empreendimento coletivo” (REAL, 1958, p. 34-35) e, a partir de tal afirmação, indaga: por que então não centrar esforços em um museu escolar?

Em suas palavras, aponta que “parece-nos que será incipiente se limitar ao ambiente escolar” (REAL, 1958, p. 35), propondo tanto o museu escolar como o museu regional, valorizando o último por ser um modelo que abrange a colaboração de todos. Sugere, ainda, que a influência oficial fosse a mínima possível, envolvendo só questões de infraestrutura e orçamentária, para que não haja intromissão política nas decisões e trabalhos técnicos e culturais.

Para exemplificar essas possíveis experiências, Regina Real pontua instituições brasileiras que têm uma forte relação com a comunidade e a cidade em que foram fundados: o Museu Imperial, com a cidade de Petrópolis/ RJ, que, além de salvaguardar acervos da família imperial, possui coleções sobre a história da cidade; o Museu da Inconfidência, o qual retrata um episódio da história de Minas Gerais que se tornou um marco para o País; o Museu do Ouro, que, em Sabará/ MG, recorda ao povo sua história através do ciclo do ouro; mencionou que eles são museus reconhecidos, mas essas relações podem ser firmadas entre instituições de pequeno porte e comunidade através de coleções da própria região, como as mineralógicas e paleontológicas, de arte popular, folclórica e de economia doméstica.

A autora finaliza o livro considerando: “o campo é extenso, mas o principal é tirar partido daquilo que se tem à mão. Os objetos têm a sua mensagem a transmitir. Cabe-nos reconhecê-la e preservá-la para a educação futura de nossa gente” (REAL, 1958, p. 36).

A década de 1950 foi um período especial para o campo dos museus, momento que permite analisar tanto eventos passados, os quais culminaram para esses marcantes anos na área, como refletir sobre o que os eventos ocorridos estimularam para o desenvolvimento da Museologia.

Considerações Finais

A década de 1950 foi um período especial para o campo dos museus, momento que permite analisar, a partir dos eventos ocorridos, a importância conferida à educação em museus, sem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades museológicas não menos essenciais, como as práticas de salvaguarda do objeto.

A recorrência do tema Educação e museus nos eventos realizados pela UNESCO na década de 1950 revela toda a atenção conferida ao aprofundamento das práticas educativas por parte dos museus em nível internacional. Ao observar a programação do Seminário Regional da UNESCO intitulado *A Função Educativa dos Museus*, realizado no Brasil em 1958, percebe-se o exercício dos sujeitos envolvidos em

potencializar o caráter educativo dos museus, evidenciando, por exemplo, o aprofundamento dos estudos; a multiplicação das atividades promovidas; a articulação com meios de comunicação como forma de atingir camadas mais amplas da população como o rádio e a televisão; o estímulo à publicação de recursos educativos.

O evento realizado no País proporcionou a oportunidade do encontro de diferentes experiências, a circulação de propostas por parte dos sujeitos envolvidos e o incentivo a publicações que destacassem a temática promovida. Os livros *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*, de Guy José Paulo de Holanda; *Museu e Educação*, de Florisvaldo dos Santos Trigueiros; e *Museu Ideal*, de Regina Monteiro Real, colaboraram para mapear o panorama dos serviços educativos disponibilizados pelos museus brasileiros, bem como no sentido de apresentar estratégias para o aprofundamento e qualificação da relação visitante e museu, apontando uma forte aproximação com as comunidades, direcionamento que a Museologia internacionalmente trilhou nos anos seguintes para o desenvolvimento compartilhado das instituições.

Considerados para a Museologia como documentos de referência, os registros relativos ao Seminário Regional da UNESCO e as publicações dos autores brasileiros sobre educação em museus são, também, evidências para a História da Educação, ampliando, neste exercício, a percepção dos processos educativos presentes na sociedade. As investigações no campo dos museus têm muito a contribuir na reflexão sobre as práticas educativas promovidas no País, explorando os múltiplos processos de aprendizagem e socialização estimulados pelas instituições.

NOTAS

1 O trabalho proposto, *Educação em Museus: um mosaico da produção brasileira em 1958*, faz parte de um projeto de pesquisa que resultou na dissertação intitulada *O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)*, defendida no ano de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/ UFRGS), na linha de pesquisa História, Memória e Educação, sob orientação da professora Dr^a. Zita Rosane Possamai.

2 Porém, ao analisar o documento final, percebe-se que, embora a intenção fosse reunir países latino-americanos, a importância do evento reuniu representantes que escapam deste recorte geográfico, como Estados Unidos, Países Baixos, França, por exemplo.

3 Estavam representados com comissões os seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Estados Unidos, França, México, Paraguai, Países Baixos, Venezuela (RIVIÈRE, 1958).

4 O conceito de museu integral aparece na Carta de Santiago do Chile, de 1972, onde os membros consideram que a “tomada de consciência pelos museus, da situação atual, e das diferentes soluções que se podem vislumbrar para melhorá-la, é uma condição essencial para sua integração à vida da sociedade. Desta maneira, consideram que os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade” (ARAÚJO; BRUNO, 1995:20).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. 45p.
- CRUZ, Henrique de Vasconcelos. *Do horizonte do passado ao horizonte do futuro: 75 anos da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1932-2007)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 69p.
- DESENVOLVIMENTO dos Museus do Brasil. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1956.
- HOLLANDA, Guy de. *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*. Rio de Janeiro: CBPE-ONICOM, 1958. 268p.
- KNAUSS, Paulo. A presença de estudantes e o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46. Belo Horizonte, Jul/Dez de 2011, p. 581-597.
- MAURÍCIO, Jayme. Novos entendimentos para o estágio de museus da UNESCO no Rio. *Jornal Correio da Manhã*, 1º caderno, Rio de Janeiro, 02 de Fevereiro de 1957.
- POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. *Revista História da Educação*, v. 16, n. 36, Jan/Abr. 2012. p. 110-120.
- REAL, Regina Monteiro. *Museu Ideal*. Belo Horizonte: Tipografia da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1958. 40p.
- RIVIÈRE, Georges Henri. Trad. Maria Cistina Oliveira Bruno e Maria Pierina Ferreira de Camargo. Documento final do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus. Rio de Janeiro: ICOM/ UNESCO, 1958. In: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p.11-16.
- SÁ, Ivan Coelho; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus - MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007. 258p.
- TORAL, Hernan Crespo. Trad. Marcelo Mattos Araújo. Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus - 1958. Havana, Abril de 1995. In: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 8-10.
- TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. *Museu e Educação*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958. 228p.